

Núcleo de Educação Popular 13 de Maio - São Paulo, SP
CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA

EDIÇÃO Nº 1283 – Ano 29; 2ª Semana Fevereiro 2016.

Breaking Bad (Temp. 1 Ep. 2): A eutanásia dos rentistas

OSÉ MARTINS

Temporada 1 Episódio 2 do nossa série *Breaking Bad* – uma coisa ruim que quanto mais avança pior fica. Como nesta segunda semana de fevereiro no mercado financeiro asiático. De um lado, a China literalmente parada. Comemorava a chegada do ano novo lunar. Uma espécie de carnaval chinês. Começou dando férias ao capital: bancos fechados, fábricas fechadas, lojas fechadas, nada de bolsas de valores e, portanto, nada dos tumultos das últimas semanas que preocupavam o mundo inteiro. A tradição diz que este ano novo vai ser um ano de paz, serenidade e muita criatividade na China. Muita gente duvida disso. Teremos uma excelente oportunidade de checar esses misticismos na segunda-feira, 15, quando forem reabertas as profanas portas do templo do Deus capital.

Teria sido uma boa oportunidade para os demais mercados asiáticos de ações também se desligarem das agruras da vida. Não foi o que ocorreu. Enquanto o capital tirava férias na China, no resto da Ásia ele afundava em selvagens desvalorizações. Em Tóquio, as ações mergulharam 11% na semana, os ativos de risco afundaram ainda mais, e a moeda do país (yen) disparou frente ao dólar. Assim, o índice Topix da bolsa de Tóquio acumula perda de 21% no ano. Emparelhou ao desafortunado *Shanghai Composite* chinês, que já perdeu 22% no ano. São os dois piores indicadores da Ásia em 2016. China e Japão devem se afogar abraçados no maremoto perfeito que se aproxima.

Um desastre que as autoridades econômicas japonesas não imaginavam depois das suas últimas medidas para desempossar as reservas monetárias privadas dos cofres do banco central. Depois da recente redução abaixo de zero da taxa de juros para depósitos privados no Banco do Japão sua divisa *yen* aumentou a valorização frente ao dólar. Ao nível mais elevado desde 2014. Com valorização do *yen* aumentam as preocupações com a desaceleração da produção industrial. As exportações são mais importantes para o Japão do que para outras economias dominantes. Os capitalistas fogem das aplicações em ativos com rendimentos variáveis, como as ações das bolsas de valores, em direção aos títulos do governo. À procura de um porto seguro os capitalistas fizeram fila nesta semana nos guichês das corretoras japonesas em busca dos bônus do Tesouro, pressionando seu rendimento (*yield*) para 0.035% abaixo de zero. O Japão é o único país, além da Suíça, onde o rendimento dos bônus governamentais de 10 anos está abaixo de zero. As ações dos bancos desabaram.

As Unidades de Terapia Intensiva dos bancos centrais estão lotadas. Os capitalistas se defrontam neste momento com um recrudescimento global da deflação da

produção e dos preços. Como nunca visto nos últimos setenta anos. O mundo está inundado de mercadoria-capital. Não se trata só de um desequilíbrio entre oferta e demanda de mercadorias simples, o único horizonte que a economia vulgar consegue alcançar. Esses economistas da superficialidade não perceberam ainda que faz bastante tempo que a economia capitalista predomina no globo terrestre. Por isso, a produção de capital submete cada vez mais massivamente a produção *tout court* de mercadorias.

O problema atual da deflação não é circunscrito ao Japão e à China. É global. É nestas condições iniciais de mais uma potente crise periódica de superprodução de capital que se observa uma procura incomum dos capitalistas em todo o mundo por refúgio em alguma reserva de valor ancorado no crédito público. A massa de capital produtor de lucro se metamorfoseia velozmente em capital produtor de juro. Descontroladamente. Isso tenciona a dívida pública, base do capital financeiro e, portanto, do capital fictício produtor de juros. No Japão, é de 3 vezes a relação da dívida pública com o PIB. Em 2008, antes da última crise periódica, essa relação não passava de 1,67. Nos EUA, não passa de 1,1 do PIB. Antes de 2008 não passava de 0,60 do PIB. Processo rápido de esgotamento das redes protetoras do Estado.¹

É importante notar também, para entender melhor a ineficácia das medidas monetárias atuais, que as crises periódicas do capital não decorrem de uma ilusória concorrência ou desproporção entre o capital fictício produtor de juro e o capital produtivo de mais-valia (lucro). De uma “financeirização do capital”, como divaga a economia vulgar marxista. Ou de “bolhas financeiras”, como rumina a economia vulgar tradicional. A brutal elevação das dívidas públicas nas principais economias do sistema nos últimos seis anos foi a forma de evitar (ou prorrogar) a falência periódica dos seus capitalistas e empresas. A massa de capital fictício só fez aumentar. O limite da remuneração usualmente reduzida dessa massa é a capacidade de sua sustentação fiscal (impostos) dos governos. Portanto, não dura muito se atividade produtiva de lucro industrial e fonte primária das receitas fiscais se reduzir por mais de trinta meses.

A relação dívida pública/PIB é proporcionalmente maior no Japão que nas demais potências econômicas do G7 – Grupo dos Sete, formado pelos EUA, Alemanha, Japão, Inglaterra, França, Canadá e Itália – porque o Banco do Japão já se antepõe a um processo deflacionário crônico desde o final dos anos 1990. Tudo já é relativamente estatizado no Japão. Só a propriedade estatal pode suportar por muito tempo

¹ Nos estágios iniciais do regime capitalista (acumulação primitiva) a dívida pública era o instrumento do Estado para criar capitalistas. No estágio atual de dominação real do trabalho ao capital a expansão da dívida pública é um instrumento do Estado para resgatar e proteger os capitalistas ameaçados pelas ondas turbulentas das crises periódicas de superprodução. O mercado de bônus da dívida pública é o reino dos rentistas detentores de capital produtor de juros, irmãos siameses dos capitalistas detentores de capital produtor de lucro. Se as grandes potências econômicas (as que possuem moeda conversível) zerassem suas dívidas públicas o capital financeiro desapareceria. Já tratamos deste assunto em inúmeros boletins anteriores. O Estado é o último refúgio dos capitalistas em crise de superprodução. O Senhor é meu pastor, nada me faltará! Essa é a grande ilusão do evangelho econômico vulgar prestes a ser sepultada.

reduzidíssimas taxas de lucro (próximas das taxas de juros) muito abaixo da média mundial. Ao contrário do Japão, as demais potências só foram atingidas com mais potência pela deflação a partir de 2008/2009. A angústia dos capitalistas neste início de 2016 é saber se os instrumentos de regulação monetária disponíveis nos mais poderosos bancos centrais do sistema serão capazes de estancar as pressões deflacionárias atuais muitas vezes mais fortes agora que em 2008/2009. Pressões muito mais generalizadas. A missão dos governos é redirecionar os oceanos de capitais que migram dos mercados de rendimento variáveis, como ações, commodities, etc., para os títulos de rendimento fixos dos Tesouros e dos bancos centrais. Se não forem bem sucedidos a barragem de rejeitos tóxicos pode arrebentar. Difícil missão: evitar que o capital produtor de lucro se dilua na massa estéril do capital produtor de juros. Duplo objetivo da política atual de juros negativos: primeiro, aumentar a demanda interna e a inflação e, segundo, desvalorizar a moeda para aumentar exportações e reativar a produção nacional.

A nova paisagem global de taxas de juro negativas dos bancos centrais visa estancar a deflação com metas de “inflação natural” em torno de 2% ao ano para alcançar aquele duplo objetivo acima. Em Estocolmo, por exemplo, na economia outrora joia da estabilidade e exemplo das “virtudes do capitalismo”, o banco central da Suécia decidiu cortar ainda mais as taxas de juro do país, que ficou negativa em 0,50%. Estava em (-) 0,35. Justificando a ação, os dirigentes do *Riksbank* alegam que ela é necessária para “salvaguardar a meta de aumentar a inflação, que ainda não está em base firme”. Como no Japão, a reação imediata no mercado foi a redução do rendimento dos bônus do Tesouro e valorização do *krona*, a moeda sueca que se recusou a se alienar na eurozona. Quer dizer, a política de redução ainda maior das já negativas taxa de juros não é muito eficiente em seu nobre objetivo de redirecionar os fluxos de dinheiro-capital para o consumo, investimentos e retomada da produção. Nem em Estocolmo, nem em Tóquio, nem em Frankfurt.

Essa recorrente ineficiência da política de redução da taxa de juros para enfrentar a deflação tem suas raízes na hipótese equivocada de que a variação dos preços (inflação ou deflação) restringe-se aos estímulos das decisões do comitê de política monetária dos bancos centrais. A variação do produto é função da taxa de juros do banco central. Dirigindo no escuro. Isso pode funcionar ocasionalmente em períodos de expansão do ciclo econômico global, mas não em períodos de forte tendência à queda da taxa de lucro da produção industrial. E essa tendência à eclosão da crise de valorização do capital pode ser apenas temporariamente amortecida pelos estímulos burocráticos do banco central, mas não revertida. Não se combate deflação dos preços de produção, seguida pela deflação dos preços ao consumidor – como ocorre neste momento em todo o mundo – aumentando o crédito e a quantidade de moeda, pois um processo deflacionário não é decorrente de qualquer tipo de desproporção ou desequilíbrio de uma imaginária circulação simples das mercadorias e da moeda.

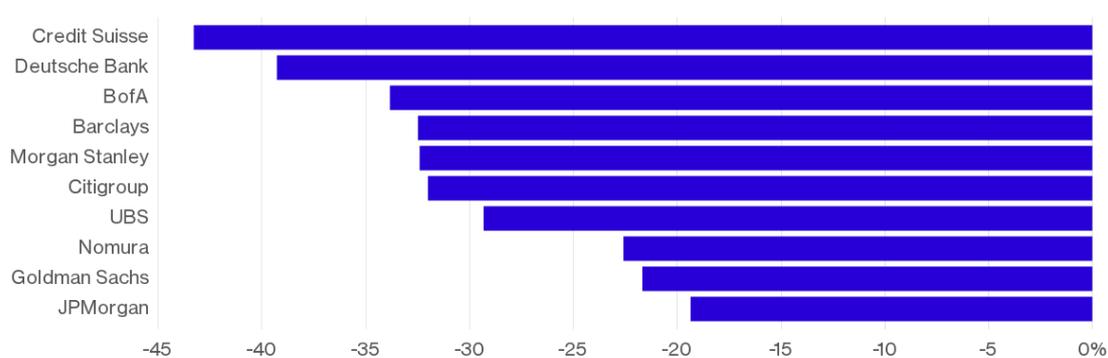
Qual é o perigo imediato da nova política de taxas negativas de juros? É simples. A cobrança pela estocagem de moeda no banco central é uma espécie de imposto cobrado dos capitalistas que não encontram mais oportunidades de valorização do capital

produtivo de lucro e o transforma em capital produtivo de juros. Mas agora ele se defronta com a nova realidade que este último também não encontra mais nem a mínima remuneração dos bônus do governo. A propriedade privada especificamente capitalista se desmancha nas máquinas paradas nas fábricas e agora também nos papéis indigestos do banco central e do Tesouro. O Estado penaliza seus próprios capitalistas como uma restauração com face moderna dos antigos processos de eutanásia dos rentistas muito comuns até a grande depressão dos anos 1930.

Os problemas circulatórios dos mercados aumentaram perigosamente nesta semana. Os bancos de todo o mundo são os primeiros a acusar o golpe. As preocupações com a Europa, particularmente a zona do euro, são agora muito maiores que a pequena economia e bancos gregos. O que apareceu de maneira mais clara para o mercado nesta semana é que os maiores bancos europeus estão à beira de uma grande quebra. Não falta candidato a encenar o novo Lehman Brothers da possível e tão aguardado próxima depressão global. São muitos “*too big to fall*” [muito grande para falir] que nesta última semana pediram socorro aos bancos centrais de Frankfurt, Londres, Paris, Milão, etc. Começando pelo outrora sólido Deutsche Bank, o maior da Alemanha, cujas ações na bolsa de Frankfurt sofreram quedas recordes diárias, acumulando uma desvalorização de 40% apenas neste ano, enquanto seu valor de mercado caiu para aproximadamente 30% do seu valor contábil. Veja a maravilhosa classificação abaixo.

Bank Slump

The world's biggest investment banks have lost almost a third of their value on average this year



Source: Bloomberg

Bloomberg

Ainda resta falar da principal economia do planeta. Não temos tempo agora nem espaço neste boletim. Apenas uma palavrinha. Reparem na classificação acima que os maiores bancos dos EUA não ficaram fora dos mercados para falir. Têm até um ilustre *too big to fall* (Bank of America BofA) bem colocado no G4. Quem acompanhou o noticiário econômico da semana sabe da gravidade do conteúdo do depoimento de dois dias prestado no Congresso norte-americano por Mrs Janete Yellen, presidente do Federal Reserve (Fed, banco central dos EUA). Simplesmente avisou aos digníssimos moradores de Wall Street e outros parasitas do sistema que se preparem: as taxas negativas de juros estão chegando também aos EUA! Não se fala mais em elevação da

taxa de juros, como fizeram petulantemente até dezembro passado. Acabou a frescura!
Chegou a hora da verdade.